

RESENHA

NABOKOV, Vladimir. **Lolita**. Rio de Janeiro, Ed. Alfaguara, 2011, 392p.

Caio Silas Alvarenga Malaquias¹

275

O rei está nu!

É complicado criticar um clássico, sobretudo porque existe uma multidão de apologetas que jamais o leu e que, por isso mesmo, não pode aceitar a menor razão contra o seu conteúdo.

De minha parte, o meu contato com a obra de Nabokov sempre se deu de maneira indireta, por causa de citações diretas ou através da opinião de outros autores a seu respeito. As impressões geralmente eram mistas, a de que fosse melhor crítico do que narrador, a de que a sua obra ficcional colecionasse um número equivalente de acertos e de erros, a de que houvesse em seu trabalho momentos incompreensíveis e que derivam de sua idiosincrasia austera, como em sua polêmica tradução de Eugênio Onegin.

Fosse como fosse, sempre havia uma unanimidade: Lolita!

Antes de lê-la, eu já nutria, portanto, uma quase reverência pela obra. Esperava que houvesse ali um esmero de anos, aquele em que o espírito dedica a sua atenção inteira ao ofício, alguma coisa comparável à dedicação de Flaubert pelos seus textos.

Pois bem, a contracapa busca traçar esse paralelo entre os dois autores na minha edição de Lolita. Diz-se que se igualam na "penetração psicológica, no show da técnica e na perfeição do estilo, a palavra justa no justo lugar da narrativa". "Já sei exatamente o que esperar desse escritor", eu pensava.

Antes de mais nada, a primeira diferença entre as duas obras é que foram escritas sob perspectivas distintas, o livro de Nabokov foi escrito em primeira pessoa. Lolita acompanha as divagações de "Humbert Humbert", um professor de meia-idade. E quanta divagação! Sobre o ponto de vista narrativo, o enredo é um emaranhado de ninharias que disputa espaço com o tecido dos acontecimentos, sufocando-o, truncando-o e o deixando confuso. Não há dúvidas de que a perspectiva de narrar os pormenores até mesmo irrelevantes na mente de uma personagem

¹ Graduado em Letras Inglês pela Universidade Federal do Piauí, especialista em Ensino da Língua Inglesa e Ensino da Língua Portuguesa, professor da rede pública de Ensino de Piracuruca-PI. É autor dos livros *Heracleia* e *A Impunidade Começa nas Escolas*.

consiste num artifício literário conhecido e próprio do modernismo. Mas aqui essa tentativa de emular a barafunda da consciência no ritmo urbano do mundo contemporâneo não funciona, ela soa demasiadamente forçada e apenas prejudica irreversivelmente a narrativa. Deparei-me com uma situação similar numa obra japonesa: "O rosto de um outro", do escritor Kobo Abe. Apesar de o livro de Nabokov não atingir tamanha digressão e de ele ser, obviamente, mais maduro e mais arrematado, ambos se assemelham pelas mesmas óticas, narrativas disruptivas e emaranhadas, conteúdo chocante e escandaloso, cujo saldo não convence no fim e todo esse "caos" pretendido pelos autores não tem o efeito expressivo de intensidade, mas se dissipa todo nas irrelevâncias tediosas contidas aos montes em cada novo período da escrita.

A história de Lolita, por exemplo, gravita na tara de Humbert por menininhas e se resume a isso, já que as demais personagens são títeres esqueléticas e que ali estão apenas como objetos da narrativa autocentrada do romancista. O narrador descreve logo no início o impacto de seu primeiro amor enquanto ainda um menino, de modo a que ele tenha cristalizado para sempre em sua alma o arquétipo de sua amada, uma menininha em seu desabrochar. A partir de então, o agora homem se atormenta, porque apenas sente grandes emoções diante de meninas pré-adolescentes, o que socialmente não passa de uma perversão banal e criminoso.

Ridículo é que o autor tenha querido romantizá-la, revestindo-a de aura poética desde a sua primeira razão, a daquele cândido amor de infância, até chegar às descrições excessivas e pseudo-grandiloquentes das "ninfetas" e de seu paroxismo ante a tais. Tamanha é a dose de idealismo que a verdade se entrega, tudo não passa de uma tara qualquer que a personagem (ou seria um arquétipo de um certo alguém...?) luta para justificar com a maior quantidade de verniz retórico.

Estranho é também que os leitores se façam de cínicos em relação à leitura e considerem esse livro um acontecimento inaudito. Não digo assim querendo invocar o menor moralismo, muito pelo contrário. Todo mundo sabe que situações assim existem e que são recorrentes, e não vou fazer aqui juízos de valor moral em se tratando de uma obra ficcional. O meu ponto é que não me surpreendo com qualquer grandeza ou território inexplorado nessa leitura. Atração sexual é fisiológica e, embora em quantidade menor, sempre houve quem se sentisse atraído por meninos e meninas pré-púberes. A psicologia deve definir como um distúrbio, criminoso aliás, mas estou certo de que não haja 10% dos floreios aplicados por Nabokov nessa pulsão. Esses floreios, aliás, chegam ao cúmulo de soar mais incômodos por sua veemência do que pela razão que lhes seria presumível ao adornarem uma prática obscena.

Além do mais, também não me impacta a "malícia" sexual de uma criança. Acho que as pessoas lutaram para se esquecer de que um pouco antes da puberdade a noção de atração e de prazer já se vai construindo. Quantas vezes durante a minha infância eu ouvi meus amigos entre 8 e 12 anos falarem as maiores obscenidades sexuais. Quantas vezes eu não ouvi minhas coleguinhas dizerem gostar de algum menininho e dizerem querer namorar com ele. São resquícios de nossa fisiologia que se vão formando, mas que as crianças ainda mal compreendem e que lhes devem, acima de tudo pela família, ser esclarecidos e instruídos, de modo a que não se realizem de maneira indevida e precoce.

Entretanto, o que se vê aqui é uma narrativa que se pretende realista e que se perde na apologia ridícula de uma condição deplorável. Não se encontra aqui o drama de um homem que carrega uma veleidade, mas o esforço de um sujeito por romantizá-la com uma retórica pomposa e muito chata; não se encontram aqui personagens marcantes, a ex-mulher de Humbert é uma caricatura deplorável, seu amante também, a mãe de Lolita idem. Se comparo as personagens de um romancista como Tolstói (a quem Nabokov mais admirava) às de Lolita sinto vergonha. Tudo que não é Humbert é mesquinho e digno de sátira, sendo que o primeiro não é mais do que uma angústia ambulante que se quer dar as cores do martírio porque nunca consegue se atenuar, já que a sociedade não parece comovida com seu “sofrimento” a ponto de compreender a sua tara. Não bastasse, como eu já mencionei acima, a narrativa soa confusa e prolixa para qualquer que leia o texto sem o filtro das ideias pré-concebidas. Basta tentar...

É preciso recorrer àquela manjada metáfora da nudez do rei, porque ela se aplica muito bem em Lolita. Em todo caso, quem sou eu para apeguegar Nabokov? Ele continuará sendo ícone, e a sua "obra-prima", exaltada, principalmente por aqueles que jamais a leram.